



PSICOLOGIA
Sandplay

Renata Whitaker Horschutz

Resposta a Clarice Lispector

Trabalho apresentado no II Simpósio do IJUSP- Instituto Junguiano de São Paulo filiado à AJB - Associação Junguiana do Brasil e à IAAP - International Association for Analytical Psychology realizado em Agosto de 2010 em São Paulo – Casa das Rosas.

A crônica “Pertencer”, de Clarice Lispector, retirada da obra “A descoberta do mundo”, (p. 110), foi publicada primeiramente no Jornal do Brasil, no dia 15 de junho de 1968. Ao lê-la, senti um impulso de dar-lhe uma resposta, o que me motivou a escrever este texto.

Clarice não gostava de falar de sua vida íntima, fugia das perguntas, que a faziam sentir grande desconforto, inventando fatos e datas. Seu maior legado autobiográfico encontra-se nas crônicas que escreveu para o Jornal do Brasil, de 1967 a 1973.

Estas crônicas estão publicadas nos livros “A descoberta do mundo” (1984) e “Aprendendo a viver” (2004). Suas publicações, que muitas vezes não passavam de uma frase, geravam muitas reações no público leitor.

Primeiramente, lerei a crônica, que é breve, para que os ouvintes possam ser envolvidos pela autora, e em seguida discorrerei sobre o que significa para um ser humano pertencer a algo, ou a alguém, e abordarei as consequências do sentimento de não pertença.

A maneira como Clarice aborda este arquétipo toca-nos e faz-nos refletir muito sobre a vida do ser humano e nossa clínica. Ela consegue colocar de forma tão poética o viver humano, traduzindo em palavras aquilo que pensamos ser indizível.

Pela clareza com que ela nos revela o sofrimento de desamparo de não se sentir pertencente ao mundo, tocou e desassossejou tão profundamente minha alma, que resolvi dar-lhe uma resposta, buscando uma solução que possibilite ao indivíduo sair desta experiência originária de desamparo, podendo assim descobrir uma maneira de dar significado a sua existência.

Pertencer - Clarice Lispector

(<http://pensandomaisideias.blogspot.com/2009/11/pertencer-clarice-lispector.html>)

Um amigo meu, médico, assegurou-me que desde o berço a criança sente o ambiente, a criança quer: nela o ser humano, no berço mesmo, já começou.

Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça.

Se no berço experimentei esta fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino. A ponto de meu coração se contrair de inveja e desejo quando vejo uma freira: ela pertence a Deus.

Exatamente porque é tão forte em mim a fome de me dar a algo ou a alguém, é que me tornei bastante arisca: tenho medo de revelar de quanto preciso e de como sou pobre. Sou, sim.

Muito pobre. Só tenho um corpo e uma alma. E preciso de mais do que isso.

Com o tempo, sobretudo os últimos anos, perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é. E uma espécie toda nova de "solidão de não pertencer" começou a me invadir como heras num muro.

Se meu desejo mais antigo é o de pertencer, por que então nunca fiz parte de clubes ou de associações? Porque não é isso que eu chamo de pertencer. O que eu queria, e não posso, é por exemplo que tudo o que me viesse de bom de dentro de mim eu pudesse dar àquilo que eu pertencço. Mesmo minhas alegrias, como são solitárias às vezes. E uma alegria solitária pode se tornar patética. É como ficar com um presente todo embrulhado em papel enfeitado de presente nas mãos - e não ter a quem dizer: tome, é seu, abra-o! Não querendo me ver em situações patéticas e, por uma espécie de contenção, evitando o tom de tragédia, raramente embrulho com papel de presente os meus sentimentos.

Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte.

Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força - eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa.

Quase consigo me visualizar no berço, quase consigo reproduzir em mim a vaga e no entanto premente sensação de precisar pertencer. Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida.

No entanto fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu

tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram por eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança.

Mas eu, eu não me perdôo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Então, sim: eu teria pertencido a meu pai e a minha mãe. Eu nem podia confiar a alguém essa espécie de solidão de não pertencer porque, como desertor, eu tinha o segredo da fuga que por vergonha não podia ser conhecido.

A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho!

Querida Clarice,

Suas palavras a respeito do que significa para um ser humano pertencer a algo ou a alguém tocaram-me profundamente. O modo como você aborda o arquétipo e consegue colocar de forma tão poética o viver humano traduz em palavras aquilo que pensamos ser indizível. Ao partilhar conosco suas palavras, você nos tira da solidão e da angústia.

É incrível a clareza com que você nos revela o mundo que muitas vezes nos aprisiona, sem que consigamos enxergar uma saída. Você nos faz sentir a frustração do totalmente pensado, do consciente, e refletir sobre fatos que continuam a existir em nossa sociedade, dita evoluída.

Para citar um pouco da história sobre o abandono, sabemos que na Grécia antiga meninas, ou crianças com deficiência eram mortas ou abandonadas ao nascerem. Da mesma forma, na Roma antiga, ao nascer uma criança a decisão de ficar com ela ou não cabia ao pai que, caso não a quisesse, * poderia rejeitá-la, colocando-a na rua ou no lixo.

Apesar de estas histórias nos chocarem, hoje em dia ainda muitas crianças são abandonadas, desprezadas e expostas a seu próprio destino. Muitas vezes a rejeição e o

abandono são feitos de maneira tão sutil que quase passam despercebidos, porém somente da consciência.

Em nossos consultórios de psicologia ouvimos muitas dessas histórias, e o mais grave disso é que muitas pessoas nos procuram com sintomas diversos, como angústia, depressão, ansiedade, pessoas que se sentem deserdadas pela vida, investindo sua energia no trabalho, ou em relacionamentos, sem qualquer resultado. Muitas delas nem sequer têm a percepção de terem sido rejeitadas quando pequenas, ou ainda no ventre materno.

Embora o nascimento de uma criança seja comemorado, por vezes internamente é sentido pela família como algo não planejado, não aceito, e aquele filho não é amado.

Desde cedo aquela criança já se sente não pertencente a nada ou a ninguém. Nasceu e ficou simplesmente nascida, como diz Clarice, não recebeu a marca do pertencer e, por este motivo, sente-se como que deserdada pela vida. Quando lhe surge uma oportunidade de pertencer, simplesmente não consegue, não por não o desejar, mas por incapacidade, chegando à triste conclusão de que a responsabilidade é toda sua.

A pessoa que foi “abandonada” lá no início de sua vida muitas vezes desconhece o que ocorreu, simplesmente experimenta que nada em sua vida dá certo, tem medo de amar e ser rejeitada, pode até entrar em um processo de autodestruição, emaranhando-se na não pertença.

Porém, precisamos ser criativos e buscar a ação que possibilita o acontecer e o aparecimento do singular de si mesmo, ou seja, a saída desta experiência originária de desamparo, por não se ter recebido a marca do pertencer.

Sem qualquer pretensão, consegui divisar três possibilidades, embora apenas uma me pareça realmente eficaz.

A primeira consiste em envergar uma máscara, condição que reduz o ser humano ao aprisionamento pelos códigos sociais, o que marca a ausência de uma presença, uma perda de alma, uma experiência de um vazio existencial profundo, onde só se é para fora. Ainda que o indivíduo marcado pela não pertença tente mostrar para si mesmo e para os outros sua capacidade, muitas vezes consome-se por não receber o que esperava em troca,

podendo até chegar a adoecer. Outros, para se sentirem enxergados, arruínam tudo, fazem coisas erradas, autodestrutivas, jogam boas oportunidades de vida fora.

A segunda reduz o indivíduo a um organismo biológico, privando-o da transcendência, uma negação do potencial criativo inerente a qualquer ser humano. É viver por viver, nascer e tornar-se simplesmente nascido.

A última possibilidade que vislumbrei está em alcançar o registro simbólico da experiência vivida, tanto para que significados sejam adquiridos, como também para que um processo de transformação ocorra e o indivíduo possa, assim, realmente ser, ou seja, estar no mundo e além dele, podendo integrar sua condição de instabilidade frente ao outro através de uma presença que não pode ser reduzida pelo desejo ou vontade do outro.

Cada ser humano está, como diz Clarice, singularizado por uma pergunta, presente desde seu berço. Ela se esboça desde os primeiros movimentos da criança, no gesto que faz em direção ao outro, nos sentidos que se abrem.

O modo como tal questão é encontrada pelo indivíduo confere-lhe determinado papel ou lugar na vida familiar. As famílias organizam-se ao redor de mitos e estes são constituídos através das gerações, o que marca a história familiar.

O bebê estrutura-se nesse campo. Ele é portador das questões enraizadas na organização mítica que caracteriza sua família e que irá se estender à sociedade, * acabando por se relacionar às grandes questões de toda a humanidade. Portanto, Você, Clarice, não está só. Quem sabe este sentimento de não pertencer é um mito familiar que precisa ser transformado. Justamente aí pode estar sua ação criativa: promover uma ruptura com esse mito, ser singular entre os outros, tornar-se de fato um indivíduo indivisível.

O sentimento de não pertencer, como já disse, pode ocorrer dentro da própria família, quando alguém se sente estranho no meio familiar, a despeito, muitas vezes, de aparente acolhimento. Internamente, o indivíduo sente-se vítima de intrusão, não se vendo como parte daquele núcleo. Um recém-nascido não acolhido é exposto, deixado literalmente “ao Deus dará”, sendo assumido e marcado pela divindade, motivo pelo qual tal pessoa jamais conseguirá pertencer a algo ou a alguém.

Ao se ligar à transcendência, a pessoa deixa de flutuar no vazio e passa a sentir o Mistério que há em sua vida, pois os que são abandonados por seus semelhantes são acolhidos por Deus, portanto verdadeiramente livres, não podendo pertencer especificamente a ninguém, mas à humanidade, o que os torna uma dádiva para quem deles se aproxima.

Vemos isto na alquimia e na religiosidade, onde do lixo são retirados os maiores tesouros, conforme, por exemplo, o Salmo 113: “Ergue da poeira o fraco e tira do lixo o indigente e os torna governantes”.

Algumas pessoas, porém, não se conscientizam do abandono que sofreram e vivem emaranhadas no sentimento de não pertença, assumindo um comportamento destrutivo em relação a si mesmas e ao mundo. Outras, contudo, após um profundo mergulho interno e a provação de atravessar períodos de muita dor, conscientizam-se de que pertencem a algo maior, tendo a percepção de que o sentimento de não pertença se transforma em um forte sentimento de liberdade, de generosidade e de amor para todos.

Alguns, ao sentirem essas pessoas como especiais e ao verem seus esforços, podem percebê-las como seres heroicos, mas na verdade elas possuem o Sagrado dentro de si, pertencem a Deus. Ao falar de Deus não estou me referindo a nenhuma tradição religiosa, mas a algo ainda maior, a um Mistério que nos transcende. Por isso muitas vezes estas pessoas sentem-se destoando das que as circundam.

Clarice, concluo então que você, ao pertencer à literatura, encontrou sua experiência pessoal, a sua maneira de colocar-se no mundo e de significar sua existência, e não só pertence a alguém, mas a toda humanidade.

Ao buscar a hospitalidade de alguém para se sentir existente, algo de que todo ser humano necessita, você não poderia encontrar isto em sua família, pois sua alma é muito maior.

Querida Clarice, em cada um de nós existem os que nos constituíram, o que nos torna portadores de toda humanidade. Portanto, suas palavras deixaram-nos um belo legado, ao nos retirar da solidão e nos ajudar a refletir, a tomar consciência de muitas coisas sobre a vida. Você contribui para a ampliação do quadro de referências de todos os seus leitores,

pois ao ler a sua obra nos sentimos preenchidos, tocados e, conjuntamente, por você somos elevados à transcendência.

Com carinho,
Renata.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LISPECTOR, C. , A descoberta do mundo, Ed. Rocco, RJ, 1999.
SAFRA, G.

*Autora: **Renata Whitaker Horschutz** - Psicóloga; analista Junguiana; membro da AJB (Associação Junguiana do Brasil); membro do IJUSP (Instituto Junguiano de São Paulo), membro da IAAP (International Association for Analytical Psychology), membro da ISST (Intenational Society for Sandplay Therapy), especialista em atendimento infantil.*